

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

ALCINDO DIAS PEREIRA

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Obras municipais

Por determinação da nossa edilidade municipal, foram suspensas as principais obras a que se estava a proceder, sob a alegação de que se esgotara a receita com que se vinha fazendo face ao seu dispendio.

E assim o edificio dos Paços do Concelho, que lentamente se vinha erguendo e mostrando a sua beleza architectónica foi abandonado pelos poucos artistas que lá trabalhavam. Ficaram aquelas paredes em que já estão gastas algumas centenas de contos desafiando os rigores do tempo e servindo de esconderijo a quenquer que dos olhares do público pretenda ocultar os seus actos. E os pobres artistas que há meses vinham mourejando ali o pão com que iam mitigando a fome dos seus filhos, tiveram de entronxar a ferramenta e recolher ao seu tugúrio, arrostando com a miséria, que, implacavelmente, vem batendo à porta de tantos operários que pelo concelho andejam sem emprego, um lugar onde possam aplicar as suas energias e cavar o seu sustento.

E o velho burgo de Guimarães, a cidade de trabalho, cheia de nobilíssimas tradições que justamente se ia orgulhar do seu novo palácio, continua na rectaguarda do progresso, apelando em vão para os seus filhos, que num impulso de decisão e de esforço a deveriam colocar no lugar que lhe compete no conceito dos grandes centros de Portugal.

E' de força maior o motivo porque tudo paralison? Será. De facto sem dinheiro nada se pode conseguir.

Não nos parece porém que esta decisão abrupta seja a mais concorde com os altos interesses de Guimarães nem com o nosso brio de vimaranenses.

A verba destinada à construção do edificio dos Paços do Concelho nunca deveria ter-se esgotado. Sabemos que foi abolido o imposto "ad valorem", que privou o município de uma avultada quantia que facilitaria o desenvolvimento das obras municipais, e os melhoramentos concelhios. Em sua substituição veio um adicional às contribuições gerais, cuja cobrança é facultada ao município. E na nossa opinião, é melhor arcar com a crítica por efectivar essa cobrança do que ouvir os clamores de tantos infelizes que a paralização das obras lançou à miséria.

De resto é preciso que não nos iludamos. A abolição do imposto

O ROUXINOL DA SAUDADE

*Em noites de verão, à meia noite dada,
A Castelã descia ao parque, luarisada
No seu amplo roupão de sêda côr de neve...
Depois, muito ao de leve,
Ia sentar-se junto ao lago adormecido,
Debaixo dum chorão enorme e envelhecido.
Era ali que ia ouvir, sôsinha, a poesia
Dum vale rouxinol, que muito estremecia,
Um loiro rouxinol, que sempre delirava
Quando ela, assim, de neve, ao pé de si chegava!...*

*O sonhador batia as azas de contente,
Pousava numa frança e, harmoniosamente,
No ar embalsamado, a música do seu
Dorido coração subia até ao ceu
Em eflúvios d'amor e ansias de paixão...
E o sonho da belêsa, e a eterna perfeição,
E a chama da volúpia, e o delirar do gôso,
Tudo naquel' ritmo ia assim, misterioso,
Lentamente, fundir-se à alma do luar...
E então a Castelã formosa, a suspirar,*

*Erguia-se de manso e, tímida d'amor,
Dava um beijo no colo ao lírico cantor...*

* * *

*Um dia um cavaleiro, um príncipe opulento,
Pediu a Castelã formosa em casamento;
E nunca, nunca mais, à meia noite dada,
Ela tornou ao parque a ouvir enfeitada
A voz do sonhador e dar-lhe, num desejo
Sobre o colo macio o esplendoroso beijo...
E o louco rouxinol, pousado numa frança,
Muito tempo esperou, até que a esperança
De a ver, mais uma vez, alfim, o abandonou...
E o triste, ai! nunca mais, ai! nunca mais cantou
Nem d'ali se moveu!...
Em silêncio chorou e funda dor sofreu
Em negra ansiedade!...
Depois, certa manhã, morreu de saudade!...*

DELFIN DE VIMARANES.

Verdades amargas

São sempre para mim muito simpáticas as individualidades que, pondo de parte qualquer interesse particular, se dedicam ao progresso duma terra.

Enfermam, porém dum grande mal as edilidades que, de há três anos a esta parte, se têm sentado nas cadeiras administrativas do nosso município. Vejamos:

— Os dinheiros das receitas do concelho tem sido gastos única e exclusivamente no embelezamento cidadão, sem que se lance um misericordioso olhar pelos interesses do lapónio pagante e tão velhacamente desprezado por quem tem o direito e o dever de olhar, um pouco que seja, pelo seu bem estar.

O aldeão também *ser gente!*...

Enquanto que os fidalgos da cidade gosam a vida pisando mosaicos que custam uma fortuna, o pobre *patego* contribuinte calcurreia lama por êsses caminhos cheios de brechas, cavernosos, onde, com muito custo ainda só pode passar o clássico carro de bois. Não julguem, porém, os leitores que eu pretendo mosaicos, passeios cimentados ou caminhos alcatroados na aldeia. Não. O que eu pretendo é que se lance uma vista pelas aldeias concelhias que, contribuindo para os melhoramentos da séde, para o luxo e comodidades dos brazonados cidadãos, ficam eternamente com os promettimentos do estilo... *a olhar o balão!* classifico de criminoso o esquecimento imperdoável que as últimas edilidades tem votado ao pobre e paciente povo da aldeia que, embora pagando as suas contribuições como os cavalleiros da cidade, vê tudo o que lhe diz respeito numa pobreza franciscana. Não é humano, não é justo, srs. comissários do nosso município, um tão *velhaco* abandono. Em pleno século xx, no século da Luz e do Progresso, não tem razão de existir a lei de *funil*.

Fazerem-se festas de *arromba*, *foguetórios*, *musicórios*, *vivórios* e *bandeirórios* e tudo o mais que dê na gana de s. ex.ªs à custa do cidadão pagante que nem um caminho possui por onde consiga passar sem molhar os pés, sendo por vezes preciso pegar nos cadáveres às costas para os conduzir ao cemitério, é absolutamente absurdo, ridículo e malévolo. Quem quer luxos, pândegas e festas, acho bem que as subsidie do seu bolso particular. Assim é que está certo e a moralidade satisfeita. Que estas inocentes considerações levem alguma luz a quem nos governa é o que eu pretendo. A. P.

Mais quatro! Para a frente Tudo mudo!...

A guarnição policial da nossa cidade foi aumentada com mais 4 (quatro!) guardas.

Estamos a ser medicados por meio de *conta-gotas*, mas não nos parece o suficiente para nos vermos livres da doença...

Pouca sorte!

E o resto quando vem?

Quando volta o **nosso** Regimento? Quando volta o **nosso** Distrito de Recrutamento? Quando volta o **nosso** Liceu Central? Enfim, quando volta tudo aquilo que nos falta desde o 28 de Maio de 1926?

Alguem diz que tudo voltará dentro em breve, e então, nessa altura, nós diremos que o actual Governo da Ditadura fez Justiça à nossa terra e reconheceu o erro cometido.

Não podemos continuar à *mercê* de caprichos.

Para castigo, já basta!

Afinal, tem sido em vão que tenho esperado novas revelações de M. de M. Leio e releio o *Jornal*, quando me chega às mãos, mas nada de novo; nem ao menos tem falado nas *arremetidas* do animal de que já aqui falei — o tal *bull-dog* — que, pelas informações que tenho, continua a tornar-se *aborrecido* e *incomodativo*. Por esta circunstância, não compreendo qual o motivo porque M. de M. poupa o atrevimento do *super-citado* animal, quando outros, com menos causa, têm sido vítimas da *criminoso bola!*

Por isso, continue M. de M. com as suas apreciadas revelações — porque tem elementos para as fazer — e eu, que também não ignoro o que se passa, cá estou firme e fixe...

PIPL

Este número foi visado pela Comissão de Censura

"ad valorem", prejudicou grandemente o município e a ninguém trouxe benefícios. Continuamos a pagar tudo tão caro como se êle fosse cobrado. E o mesmo se pode dizer do imposto especial lançado para a construção do palácio da cidade. Embandeiraram em arco os promotores do seu desaparecimento, mas o consumidor ainda não logrou apurar-lhes efeitos salutares.

Todavia, as obras paralisaram e ninguém sabe dizer quando elas recomeçarão. O tempo na sua missão destruidora há-de da-

nificar o que está feito, há-de causar prejuízos consecutivos, enquanto que quem nos visitar verá da nossa falta de bairrismo, do nosso pouco carinho por aquilo que tanto tem custado a criar.

Para nosso brio, para satisfação à nossa própria consciência porque não havemos de acorrer a pagar adiantadamente as necessárias percentagens para que não esteja exausto o cofre municipal e as obras progridam?

Porque não prefere êste caminho a nossa vereação?

Há já bastante tempo que o Senhor Ministro da Justiça nomeou o Senhor Dr. Vicente de Vasconcelos, director da P. I. C., para **concluir** as investigações acerca dos morticínios do 19 de Outubro. Disse a *Imprensa* — tôda aquela que não oculta a verdade — que o Senhor Dr. V. de Vasconcelos devia elaborar um relatório circunstanciado sobre o que apurasse, afirmação feita pelo Senhor Ministro da Justiça.

Não nos consta, porém, que já fôsse cumprido o prometido, não obstante o tempo decorrido desde então ser mais que suficiente para se ter dito ao País a verdade conforme ela é. O que há? Esta pergunta temo-la ouvido a várias pessoas que, como nós, têm esperado o **prometido relatório**. Haverá, por ventura, o misterioso encanto de alguma *Fada* a patrocinar a não revelação da verdade?

Sim! E' natural que *Nemo*, o *majarrico* dêste mundo, tenha a pretensão de procurar ocultar — mais uma vez — os nomes dos principais criminosos, dos principais responsáveis, dos principais autores do crime, enfim, dos principais assassinos!

Por isso, pedimos — para honra e prestígio da República, e do próprio Governo da Ditadura — que seja dada uma satisfação ao País *inteiro*, a qual consiste em pouco: — Dizer a verdade e **só a verdade** daquilo que, com Justiça e imparcialidade, se tenha apurado. Como republicanos, nada mais pretendemos.

Tristes verdades

É este o título de um artigo do nosso colega local "O Comércio de Guimarães", sugerido pela publicação de uma crónica sobre os últimos crimes perpetrados em diversos concelhos, e especialmente no nosso, inserto em o colega "O Fafense", e que passamos a transcrever:

"Lemos em o nosso colega "O Fafense", uma crónica, cujo final fere como ferro causticante, todos os amigos do bom nome da nossa terra.

Passa em revista os últimos crimes perpetrados em diversas partes, e especialmente no nosso concelho e diz:

"...mas o certo é que Guimarães, se continua por tão tortuoso e errado caminho — creio bem, não tardará como na época medieval — a passar de boca em boca — por épocas imorredoiras com o dístico: — Matar só Deus e os de Guimarães."

"Nada temos que opor, presentemente, a tão triste e agressivas palavras! Guimarães está dando um triste e doloroso contingente de criminosos.

Pelo mais fútil motivo, mata-se, sem se olhar à vida que se aniquila e ao lar que se destroi.

Sómos contrários à força e a castigos violentos, mas, cremos que, infelizmente, a regeneração dos nossos costumes, e a tranquilidade dos nossos lares, está na mão firme dos juizes de Portugal.

Guimarães precisa de ser limpo, em todas as suas artérias; precisa e quer que o povo das suas aldeias volte ao respeito pelo seu semelhante e ao temor a Deus; quer e exige que seja uma terra de Ordem, Paz, Progresso e trabalho!..."

Assim, o nosso colega local "crê que a regeneração dos nossos costumes e a tranquilidade dos nossos lares, está na mão firme dos juizes de Portugal."

Sim, a correção é necessária e o castigo impõe-se. Mas se houvesse a instrução e educação difundidas e que cada um soubesse cumprir os verdadeiros mandamentos que Cristo mesmo nos deu, ter-se-ia mougerado os costumes, e muitos crimes deixariam de se perpetrar.

Há muitos anos que nós temos a convicção de que, duas cidades, Braga e Guimarães, são das mais criminosas de Portugal.

Assim o temos lido em estatísticas de criminalidade.

E, a propósito, vamos transcrever do livro "O Futuro dos Povos Católicos", trechos dos prefácios da 5.ª e 7.ª edição:

"O catolicismo, com o seu ódio à instrução, fez de Portugal a nação mais ignorante da Europa! Se o catolicismo mougerasse os costumes, qual deveria ser a cidade portuguesa de moralidade mais austera! Não seria Braga, com uma igreja em cada rua e com um padre em cada casa?"

Pois um trabalho recente de estatística (Estudo Estatístico da Criminalidade em Portugal, por Alfredo Luis Lopes), mostra, em algarismos, que Braga é uma

Oficina de S. José de Guimarães

Da Comissão Administrativa desta simpática e altruista instituição de caridade recebemos a circular seguinte:

«Ex.º Sr.
A actual Comissão Administrativa da Oficina de S. José de Guimarães, ao bem justificado intuito de desenvolver esta Obra, tam simpática quam necessária, de formação dos rapaziños órfãos e abandonados que abandonam nesta cidade e concelho, decidiu-se a realizar vários empenhamentos, dentre os quais avultam a criação duma oficina tipográfica e da organização duma banda de música dos internados, que terão a sua estreia solene na próxima festa do Santo Patrono deste Estabelecimento.

Emprêsa tam difícil e dispendiosa, no meio da crise que se atravessa, não podiam efectivá-la, apesar da sua grande vontade, os membros que constituem esta Comissão, sem o auxilio eficaz de almas cheias de caridade e dedicação, como a de V. Ex.ª, que a esta Oficina tem consagrado a sua melhor simpatia.

A fim de significar o nosso profundo e indelével reconhecimento, a quem tanto nos coadiuvou nesta hora de benções e progresso para a nossa querida Oficina, resolvemos que o primeiro trabalho tipográfico realizado pelos alunos fôsse uma circular dirigida aos seus beneméritos Protectores, em que ficasse exarada a sua e a nossa gratidão.

Digne-se, pois, V. Ex.ª aceitar o testemunho destes vivos sentimentos, com a expressão do grande desejo que temos de ver esta casa mais uma vez honrada com a visita de V. Ex.ª e de sua Ex.ª Família, na tarde do festivo dia 19 do corrente.

Que o glorioso S. José recompense V. Ex.ª por todas as benemerências em favor dos seus pequeninos protegidos!

Oficina de S. José de Guimarães, 13 de Março de 1929.

A Comissão Administrativa, — João Martins de Freitas, José Figueira de Sousa, João António de Almeida Júnior, Alberto Teixeira Carneiro, José da Costa Santos Vaz Vieira, Casimiro Martins Fernandes e Manuel Pereira Mendes».

É, pois, digna de todo o auxilio esta benemérita instituição, tanto mais que, destinada a educar e desenvolver rapaziños órfãos e abandonados, também agora se propõe instrui-los pelos trabalhos gráficos.

*

Programa: — No dia 19, ás 11 horas, em S. Pedro, a Comissão da Oficina fará celebrar uma Missa pelos Beneficentes vivos e falecidos. Assistirão os internados com a sua banda de música.

A tarde estará exposto o edificio á visita do público.

Pelas 16 h2 festividade na igreja da Oficina e em seguida sessão solene.

«Toda a sociedade ou partido, necessita de ser escrupulosissima no recrutamento dos seus membros. Muitos só querem o título de admissão para se fazerem valer e venderem-se.»

Bernardino Machado.

das cidades mais criminosas de Portugal. Não será a consequência de ser ela a Roma Portuguesa? E por hoje basta.

Associação dos Caixeiros

Uma justa homenagem aos Ex.ºs Senhores: José Roriz, P.º Gaspar Roriz e José de Pina

Na passada quinta-feira realizou-se, na séde da Associação dos Empregados do Comércio, uma sessão solene para homenagear três dos seus sócios honorários, Ex.ºs Snts. José Roriz, P.º Gaspar Roriz e José de Pina, descerrando-lhes os retratos na Sala Nobre.

Nada nos pareceu mais justo, dada a categoria dos homenageados, pois todos elles prestaram relevantes serviços àquella simpática agremiação e bem mereceram o reconhecimento de todos os Caixeiros.

José Roriz, dirigindo com uma paciência extraordinária o «Grupo dramático Júlio Dantas», ensaiando-o, e conseguindo que elle conquistasse verdadeiras noites de glória para a Associação que representava.

P.º Gaspar Roriz, autor consagrado de «Os dois marcanos», ensaiador competentíssimo, foi também quem lembrou a criação da *Marcha Milanesa*.

José Luis de Pina, verdadeiro temperamento de artista, foi o executor da *Marcha Milanesa*, traçando com o seu lápis genial as figuras únicas que serviram de gáudio ao povo, que o fizeram rir e soltar o *brouháá* espantadiço das multidões.

Presidiu á sessão o sócio honorário daquela casa, sr. Jerónimo Sampaio que convidou para o secretariar os srs. Alberto Gomes da Silva e Domingos Pereira Cardoso, como representante dos sócios fundadores da Associação de Classe dos Empregados de Comércio.

Expostos pelo sr. Presidente os fins daquela sessão entraram na sala os homenageados, que fôram recebidos com uma estrondosa salva de palmas, fazendo-se representar o sr. José de Pina pelo seu afillado, por motivo de aquêle se encontrar retido no leito por uma grave enfermidade.

Cessada a manifestação, usou da palavra o Presidente da Associação, sr. Manuel Fernandes de Oliveira e Castro, que enalteceu as qualidades dos homenageados e leu as propostas que os elevaram ao mais alto grau de sócios daquela casa. Usaram ainda da palavra os srs. Américo Ferreira e António de Almeida que disseram da sua admiração pelos três vimaranenses que ali tinham vindo assistir á homenagem que os Caixeiros lhe prestavam.

Ergue-se para falar o sr. José Roriz. A assistência palmeou demoradamente. Visivelmente comovido, agradece as referências que lhe fizeram e sente que os serviços prestados aos Caixeiros fôram tão insignificantes que foi grande demais a recompensa e a gratidão dispensadas.

P.º Gaspar Roriz, num á vontade de quem se sente bem entre rapazes, diz ter vindo ali cumprir um dever — fazer o elogio de seu amigo José de Pina, impossibilitado por doença de comparecer naquela festa. Não fôra isso, de certo que ficaria em casa. E falando de José de Pina, releva todas as suas boas qualidades, todas as virtudes que o apresentam como um homem e um vimaranense e faz sobressair o seu temperamento de artista, de artista de reputação e de mérito. Termina agradecendo á homenagem que lhe presta e honra-se de ter um retrato naquella galeria onde estão alguns vimaranenses que muito teem trabalhado pela sua terra: António de Almeida, Dr. Mariano Felgueiras, Francisco Martins, João Rodrigues Loureiro e o saudoso João de Melo.

Em seguida fala o sr. L. Coelho, que diz ter vindo ali, como parente, agradecer, em nome de

Já sabemos... Convite

«O Comércio de Guimarães, — órgão monárquico — agarrando-se à má fé ou maldade, companheira lá de casa — sente-se maguado com certas queixas contra certos monárquicos.

Tenha paciência, colega, mas se as queixas a que se refere também lhe são *adaptáveis*, não temos que lhe fazer...

Quanto ás considerações que faz sobre a visita do Senhor Presidente da República e de alguns Ministros, aproveitamos — como dignas de mais registo — as seguintes: «Nós não vamos homenagear o Presidente da República, mas o Chefe do Estado. Não vamos com a nossa presença, dar vida à República, mas bem receber aqueles nas mãos dos quais está uma parte do progresso da nossa Terra.»

Este bocadinho de prosa que que acabamos de transcrever do n.º 4:250 do respectivo Jornal, é mais natural do que a própria Natureza! Nós, os republicanos, já sabemos isso.

Dlim, dlom...

Depois do toque da agonia, que principiou na *edilidade das economias*, ouvimos agora o *toque de finados!*

A Comissão Administrativa da Câmara acaba de suspender trabalhos importantes, designadamente os que dizem respeito á construção do novo edificio para os Paços do Concelho.

Dizem uns que foi *por isto*, dizem outros que foi *por aquilo*, e nós dizemos que foi por isto, por aquilo, e por mais alguma coisa...

Assalto e roubo

Na noite de 9 para 10 do corrente foi assaltado por um grupo de individuos mascarados, que lhe roubaram quantia superior a 350000, o nosso presado amigo e correligionário sr. Joaquim Leite Monteiro, estimado funcionário telégrafo-postal desta cidade.

Este caso deu-se na rua de Serpa Pinto, a dois passos do quartel da G. N. R., constando-nos que de identicas proezas tem sido victimas mais algumas pessoas.

A autoridade administrativa pedimos inérgicas providencias no sentido de nos livrar destes perigosos grupos de ratoneiros.

José Luis de Pina

Tem estado gravemente enfermo, este nosso presado amigo e ilustrado professor do Liceu.

Desejamos o rapido restabelecimento de S. Ex.ª.

José de Pina, a homenagem que a Associação de Classe dos Empregados de Comércio acaba de prestar-lhe.

Fala por último o sr. Jerónimo Sampaio que agradece mais uma vez a honra que lhe deram em presidir áquella sessão e diz ter sentido bem o significado da homenagem que se tinha acabado de prestar.

Encerrada a sessão, foi servido aos homenageados um delicado copo d'água, onde se trocaram os mais affectuosos brindes entre os presentes.

A Associação de Classe dos Revendedores de Vinhos a Retalho de Guimarães, convida todos os seus sócios e não sócios a reunirem em assembleia geral na sua séde sita á rua da Republica n.º 119 1.º andar no dia 19 do corrente pelas 14 horas a fim de serem tratados assuntos de grande importancia para a classe entre os quais resolver-se a melhor forma de se fazer a aquisição de uma bandeira de séda para a sua Associação e admissão de novos sócios.

Se não houver numero legal para a assembleia poder funcionar fica desde já convocada nova reunião para o dia seguinte á mesma hora.

Guimarães 13 de Março de 1929.

O Presidente da Assembleia Geral
José Antonio da Costa.

Encerramento de aulas

Por se ter manifestado novamente e com maior incremento o «trasorelho» em estudantes do nosso Liceu e no Internato Municipal, foram estes dois estabelecimentos de ensino encerrados durante quinze dias.

Entretanto proceder-se-ha á necessaria desinfecção.

É sempre desagradável ter de interromper-se o trabalho escolar, mas a saúde dos estudantes está em primeiro plano. Oxalá que cá fóra haja o necessario cuidado e sejam tomadas as necessarias medidas para que esta contagiosa doença seja completamente debelada.

Lutuosas

Faleceu ha dias, após dolorosos sofrimentos, a Ex.ª Senhora D. Ludovina Ribeiro, virtuosa esposa do nosso amigo Sr. Acácio José Peixoto, sócio da fabrica «A Textil das Varandas L.da».

A familia em luto, o nosso cartão de pesames.

Pelos animais

A Delegação da Sociedade Protectora dos Animais, de Guimarães, enviou á Camara Municipal um officio pedindo-lhe para pôr termo á forma deshumana como nesta cidade são exterminados os cães pelo veneno.

Aplaudimos esta iniciativa, porquanto é um espectáculo pouco edificante ver os pobres animais, em plena via publica, debatendo-se com uma morte horrorosa.

No referido officio, chama-se a atenção da Camara para a portaria publicada no «Diario do Governo» de 22 de Março de 1923-1.ª série, cuja é do teor seguinte:

«Para evitar o barbaro processo de envenenamento empregado frequentemente na instigação dos cães vadios, e para incutir no sentimento publico o respeito pela vida de todos os seres: manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministro do Interior, recomendar ás auctoridades competentes que, quando seja necessaria a instigação de cães vadios, se uzem meios rápidos e suaves, em recintos apropriados e occultos.

Paços do Governo da Republica, 22 de Março de 1923.

O Presidente do Ministerio e Ministro do Interior
Antonio Maria da Silva.